

# Para além do mercado e dos preconceitos<sup>1</sup>

Sérgio Nazar David\*

Começo por louvar a iniciativa da Fundação Luso-Brasileira de propiciar estes “encontros luso-brasileiros”, hoje com o objetivo de discutir os “fluxos literários entre Brasil e Portugal”<sup>1</sup>. Sempre acho que, quando paramos um pouco para pensar no que temos feito e no que pretendemos fazer, estamos também buscando de algum modo aperfeiçoar a dimensão ética das nossas ações. É neste sentido que pretendo direcionar esta minha breve intervenção.

Como muitos aqui sabem, uma das minhas atividades profissionais é a de ensinar Literatura Portuguesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Além disso, também tenho tido alguma atuação fora da universidade: no Pólo de Pesquisas Luso-Brasileiro, do Real Gabinete Português de Leitura; e na esfera editorial, desde 2003, quando, após preparar a edição crítica das *Cartas de amor à Viscondessa da Luz* (de Garrett), passei a colaborar de modo informal (porém com certa regularidade) na escolha de obras de autores portugueses a serem publicadas – com e às vezes sem subsídio do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas (IPLB) – pela Editora 7 Letras. Em alguns casos, quando o livro entra em produção tenho também colaborado dando alguma consultoria.

Dirijo então a minha intervenção para considerações inicialmente voltadas para o lugar que a Literatura Portuguesa tem nos currículos universitários no Brasil, na vida universitária e acadêmica de uma forma mais geral, em nosso país. Em seguida, tento alargar a minha abordagem do tema proposto com algumas breves considerações sobre os obstáculos maiores que se costumam interpôr no caminho quase nunca reto que vai – ou deveria ir – do autor português ao leitor brasileiro.

Nos currículos de Letras das melhores universidades brasileiras, as públicas, o espaço que a Literatura Portuguesa tem é diferente (em vários aspectos). Há aquelas com departamentos de literaturas vernáculas em que os professores de Literatura Portuguesa são poucos, certamente porque o próprio currículo básico de graduação dá pouco espaço a esta disciplina (sob a argumentação, a meu ver enganada, de que se trata de uma literatura estrangeira

---

\* Poeta e professor de Literatura Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

como outra qualquer); outras em que os estudos de pós-graduação, embora às vezes incluam alguma disciplina de Literatura Portuguesa, não prevêem o título de Mestre ou Doutor em “Literatura Portuguesa”, substituindo-os por algo mais genérico. Por exemplo: “Estudos Literários”.

É preciso que se entenda isto, entretanto, não como uma estreiteza intelectual, ou como superficialidade. Este recurso, que termina por dar menor visibilidade à Literatura Portuguesa, funciona em alguns casos como uma forma de – numa situação específica – fazer o que é possível, para que assim os estudos portugueses ganhem também a relevante dimensão da pesquisa de pós-graduação. Se uma universidade não consegue reunir um conjunto suficientemente forte de professores doutores para abrir um “Mestrado e/ou Doutorado em Literatura Portuguesa”, pode recorrer à solução do “Mestrado e/ou Doutorado em Estudos Literários” ou “Mestrado e/ou Doutorado em Literaturas em Língua Portuguesa”. Também podemos ver aqui uma opção com lastro acadêmico, que abre mais a discussão dentro do campo dos estudos literários, rompendo um pouco com a excessiva compartimentalização dos estudos de pós-graduação em áreas e sub-áreas.

Seja como for, guardadas as devidas diferenças, a Literatura Portuguesa tem um espaço nada insignificante dentro da vida acadêmica brasileira.

Lembro-me da perplexidade da delegação de escritores portugueses que foi à Bial do Livro do Rio de Janeiro, em 2005, e que esteve na minha universidade, a UERJ. Viram que temos lá dez habilitações em Letras, cerca de 1500 alunos só nos cursos de graduação, uma média de seis semestres (nas diferentes habilitações) em que a literatura e a cultura portuguesas são ministradas, temos dez professores efetivos de Literatura Portuguesa, um curso de Pós-Graduação Lato Sensu, e agora mais recentemente também um Mestrado em Literatura Portuguesa.

Sei que na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) a situação não é diferente. Também lá temos Pós-Graduação Lato Sensu, Mestrado e ainda o Doutorado em Literatura Portuguesa, com muitas habilitações na graduação e um número expressivo de alunos regularmente matriculados.

Lembro-me também do congresso que a Universidade Federal Fluminense realizou em agosto de 2005, da Associação de Professores Brasileiros de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP). Reuniram-se à ocasião cerca de quinhentos congressistas, com perto de vinte convidados portugueses (entre escritores e professores). As atividades englobavam mesas redondas, sessões plenárias, de segunda a sexta-feira, de 9 da manhã até quase 9 da noite, com intervalo para almoço. Também nesta ocasião não era menor a perplexidade dos nossos colegas portugueses com as dimensões do evento.

Diante deste quadro, francamente favorável, a despeito de tudo, à Literatura Portuguesa dentro da universidade, pergunto-me às vezes: embora não seja só esta a função da universidade (propagação e/ou divulgação de um saber), por que razão não conseguimos também levar este interesse pela Literatura Portuguesa, que de algum modo grassa nos círculos acadêmicos, de uma forma mais larga aos leitores brasileiros? Em parte porque muitos de nossos colegas não vêem interesse nisto ou não se sentem aptos para tal. Mas mesmo os que porventura tentem colaborar neste campo – de incentivo e de propagação da leitura de autores portugueses – não encontrarão poucas dificuldades.

É certo: alguns escritores portugueses contemporâneos têm sido publicados no Brasil de um modo mais continuado. Parece-me entretanto que os autores portugueses que são encontrados com facilidade nas livrarias continuam sendo os clássicos: Camões, Gil Vicente, Bocage, Garrett, Camilo, Eça, Pessoa, Sá-Carneiro. E a partir dos anos 80 temos que incluir Saramago. Nas livrarias de alto nível (que são poucas) talvez possamos alargar este círculo, com Lobo Antunes, Teolinda Gersão, Inês Pedrosa.

A verdade é que no Brasil lê-se pouco. Trata-se de um problema que não vem de hoje e que também não atinge de maneira específica os autores portugueses. Ou seja: os escritores brasileiros deparam-se com fortes barreiras, que terminam por afetar de modo mais determinante ainda também os autores portugueses editados no Brasil. O problema de fundo, difícil de ser atacado, diz respeito ao calcanhar de Aquiles do mundo editorial, a distribuição do livro, mas também às políticas públicas de educação, de cultura e em última análise também de fomento à leitura no Brasil. As escolas alfabetizam, mas não criam muitos leitores. Grande parte do próprio público leitor, por si já tão restrito, costuma se deixar levar pela literatura ligeira, de fundo espiritualista e místico, de auto-ajuda. Os professores de ciclo básico e fundamental são mal pagos, recebem – sejamos francos – salários inadequados, regem quase sempre turmas de cerca quarenta adolescentes, sempre muito inquietos. Apesar de tudo, mesmo assim é possível trabalhar. Fique claro, entretanto, que isto não é um jogo de tudo ou nada. Ou seja: estamos sempre fazendo, até os mais criativos e dedicados, algo que termina por ficar aquém das nossas potencialidades. Este resultado final – bem abaixo do desejável – do trabalho que a escola deseria desenvolver tem conseqüências para todos, autores brasileiros e portugueses. Acrescente-se: tenho as minhas dúvidas se para o público leitor em geral, no Brasil, a literatura portuguesa não acaba sendo uma literatura estrangeira com o mesmo estatuto das demais literaturas. O que quero dizer com isto é que os autores portugueses perdem onde todos perdem, e depois

não chegam a ganhar no território em que teriam visíveis vantagens, que se assentariam no fato de falarmos a mesma língua e termos um património cultural com tantas bases comuns...

Além deste impasse gravíssimo envolvendo a educação e a cultura de modo geral no Brasil, somos também açoitados por uma onda que nos parece querer arrastar para o isolamento, o isolamento da universidade, sobretudo no campo das ciências humanas e sociais. Os estudos literários raras vezes conseguem transpôr este muro denso que nos condena a um difícil e pouco continuado diálogo com a sociedade. As falhas estão, sabemos, dos dois lados. A sociedade está cada vez menos propensa à discussão, ao debate, à troca de idéias. A universidade por seu turno também tantas vezes se defende como pode: acusa a sociedade de incultura e fecha-se. Também aqui fica, portanto, limitado o poder que nós, professores brasileiros de Literatura Portuguesa, teríamos para reverter ou ao menos minimizar esta situação adversa.

Nos estudos universitários, creio que o desafio que temos é fazer avançar o conhecimento, seja como for. Lutamos no Brasil contra os prazos cada vez mais curtos que nos são impostos pelas instâncias superiores para a conclusão dos mestrados e doutorados; contra os acervos das bibliotecas que não condizem com a envergadura do trabalho de pesquisa em nível de pós-graduação... Lutamos contra os cortes que vêm sendo feitos seguidamente nas verbas que deveriam vir para a universidade. Lutamos contra uma gama de fatores que fazem com que no mundo acadêmico tantas vezes os meios substituam os fins (e isto não é só no Brasil). A crise da universidade pública brasileira é profunda. Os estudos portugueses que se realizam no Brasil não ficam fora disto.

Como vemos, são problemas complexos, difíceis de enfrentar, e que não serão vencidos com lamúria pelos cantos. O que temos feito no Brasil não é pouco, mas creio que é preciso ter no horizonte duas perguntas fundamentais, que podem se transformar em nossas metas: como alargar o número de leitores da literatura portuguesa, sobretudo a contemporânea (hoje a menos conhecida)?; como fazer avançar o conhecimento da literatura nos estudos universitários de forma que a contribuição brasileira seja capaz de criar um maior interesse pela literatura portuguesa, mas seja também relevante na medida em que atinja a meta maior de fazer avançar o conhecimento, em vez de ser apenas uma divulgação do que se faz em Portugal no campo do que aqui recebe a denominação de “estudos portugueses”?

A universidade brasileira tem condições de contribuir nas duas frentes: para aumentar o número de leitores no Brasil dos autores portugueses, e pode também fazer avançar o conhecimento sobre a Literatura Portuguesa.

Mas para isto é preciso mais diálogo, mais intercâmbio, mais facilidade para que professores e alunos que estudam as nossas literaturas possam vir e voltar sem tantos entraves burocráticos e com maiores facilidades financeiras. É preciso também que a universidade assuma o seu papel de mediação crítica, equilibrada e corajosa, para que assim o que tem valor realmente apareça, e os preconceitos – que estão dos dois lados da Atlântico – caiam cada vez mais.

Sinto que às vezes a literatura, o mundo literário brasileiro é visto com alguma suspeita em Portugal. O mesmo acontece no Brasil – não se iludam. Mas isto tem que cair. Os preconceitos, as generalizações, as sínteses apressadas empobrecem o pensamento. E desfazem com os pés o que vimos tentando a duras penas contruir com as mãos: laços que possam unir cada vez mais – e de um jeito novo – o que o tempo e as injunções políticas e econômicas têm se incumbido de separar. O que está por trás disto é a dificuldade do homem de lidar com a diferença, que no nosso tempo – dominado pelos interesses financeiros – vem à tona com uma brutalidade às vezes surpreendente, às vezes sub-reptícia. O que fazer para que possamos colaborar de algum modo por um novo olhar diante das nossas diferenças? E por que não ressaltarmos o que temos em comum, o que nos aproxima, em vez de passarmos a vida a medir-nos sob o esquadro do narcisismo das nossas pequenas diferenças?

Está visto que temos problemas que são de ordem diversa e que exigem medidas que só terão algum efeito se adotadas em conjunto. Uma dessas medidas é o subsídio à edição. Como sabem, o livro português entra no Brasil com um preço caríssimo (o que também não poderia acontecer). O subsídio à edição no Brasil minimiza isto. O livro de um autor português acaba chegando ao leitor por um preço mais barato quando editado mesmo no Brasil. Não nos esqueçamos, entretanto, de que temos aqui uma medida que por si só não basta. Além do subsídio, temos também que lutar para que os livros portugueses cheguem ao Brasil e os livros brasileiros cheguem a Portugal por um preço mais razoável. E não nos iludamos: o subsídio minimiza um problema mas não o resolve por si só, na medida em que só interfere na oferta, e muito pouco na demanda.

Gostaria ainda neste tópico (subsídios) de deixar aqui algumas idéias. Acho que é preciso deixar que os autores que já se firmaram sigam por conta própria. Neste sentido, talvez seja o caso de subsidiar só obras ainda não conhecidas destes autores (Eça, Camões, etc) ou então as edições mais cuidadas. Dou um exemplo. Trabalham em Portugal três equipes em edições críticas da obra completa de Garrett, Eça e Pessoa. À medida que os volumes (mais endereçadas aos estudiosos) vão saindo em Portugal, seguir-se-ão edições comuns,

destinadas ao público leitor em geral, também estas com um texto final mais limpo do ponto de vista da língua literária. Se as edições críticas precisam sair no Brasil com subsídio, isto é discutível. Mas é inegável que seria bom que os leitores brasileiros pudessem ter *Os Maias* e *Viagens na minha terra*, por exemplo, com um texto fixado o mais próximo possível do que supomos ter sido a vontade do autor. E aqui talvez a editora que tivesse este cuidado merecesse ser apoiada.

Paralelamente, seguir editando bons autores, autores representativos, deixando alguma liberdade de escolha – isto já acontece, pelo menos na importante ação de subsídio que o IPLB vem implementando – àqueles que no Brasil querem trabalhar. Não adianta muito haver uma política fechada, que acaba sendo uma camisa de força para os editores brasileiros. Mais: ter a universidade como aliada e fugir dos grandes eventos. Dei uma sugestão ao IPLB faz pouco tempo. Buscar as feiras de pequeno e médio porte que começam a aparecer no Rio, em São Paulo e no resto do país. Tentar levar às feiras exatamente aqueles autores que acabam de ser editados no Brasil. Parece-me que este caminho já começa a ser adotado também pelo IPLB. Creio que seria preciso também abrir um diálogo maior com os professores brasileiros, para que assim possamos chegar mais perto do que seriam as boas apostas a serem feitas neste setor.

É evidente que o subsídio deve priorizar o escritor português. Mas deveria haver também uma abertura para obras que abordam “temas portugueses” escritas por ensaístas brasileiros ou de outras nacionalidades. Em síntese: o apoio não deveria restringir-se ao bilhete de identidade do escritor.

Enfim, temos diante de nós um conjunto de circunstâncias adversas, mas também algumas apostas possíveis, algumas iniciativas bastante positivas para a elas fazer face. Algo no mundo em que vivemos nos induz ao erro de pensar que o que fazemos não tem valor: que as ciências humanas devem ser reduzidas ao aspecto prático (neste sentido a língua deveria ser tratada como mero meio de comunicação e o estudo da literatura banido dos currículos), que a universidade não produz conhecimento na medida do que nela se investe, e que a literatura é um ofício de diletantes. Todos nós às vezes algum dia por alguma razão nos sentimos no Porto Pireu de Garrett: abraçando a nuvem por Juno.

Contra esta maré que nos atinge sempre de algum modo não podemos cruzar os braços: é preciso ocupar os espaços que se apresentam com discussão de bom nível; ajudar àqueles que têm valor, tem boas idéias e interesse pelas manifestações elevadas da cultura humanística; enfrentar os problemas sempre com idealismo mas também sem perder de vista a dimensão concreta que

nos obriga a trabalhar dentro do possível; e sobretudo ter sempre em mente que nem tudo se reduz a dinheiro. Ainda há gente no mundo que trabalha com propósitos elevados e amor pelo que faz.

São idéias, sugestões, ditadas – espero que entendam – não pela arrogância, mas pela experiência de trabalho de quase vinte anos, lendo e ensinando com gosto e entusiasmo a “nossa” literatura portuguesa.

Lisboa, 23 de maio de 2006.

## Nota

1 Intervenção efetuada na mesa-redonda “Fluxos Literários entre Brasil e Portugal” – 2º Encontro Luso-Brasileiro de Cultura, organizado pela Fundação Luso-Brasileira, no Museu Nacional de Arte Antiga, no dia 23 de maio de 2006. Integraram também a mesa: Gilda Santos, Teolinda Gersão, Carlos Reis e José Carlos de Vasconcelos (mediador).

## Resumo

Este artigo faz uma breve apreciação do lugar que a Literatura Portuguesa tem nos currículos universitários brasileiros, bem como da inserção dos autores portugueses no mercado editorial brasileiro.

**Palavras-chave:** Literatura portuguesa; universidade brasileira; mercado editorial brasileiro

## Abstract

This article makes a brief analysis of the position Portuguese Literature occupies in curricula at Brazilian universities, and the insertion of Portuguese authors in the publishing market in Brazil (or in the Brazilian publishing market).

**Keywords:** Portuguese Literature; Brazilian University; Brazilian Publishing Market